Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

( ) COMUNICAÇÃO

( ) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

( ) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

(X) SAÚDE

( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

LEVANTAMENTO DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NA POPULAÇÃO INDÍGENA DA ALDEIA DE MANGUEIRINHA (PR): ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO À GESTAÇÃO E A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs)

Mirian Guimarães de Freitas[1]

Sara Alves Inácio[2]

Letícia Fraga[3]

Resumo: Este trabalho vincula-se ao projeto "Saberes outros" e se origina a partir de uma análise e levantamento da gravidez na adolescência na população indígena de Mangueirinha (PR), no período de 2020 a 2021, condição que, segundo a OMS, é apontada como uma gestação de alto risco, para mãe e o recém-nascido. A gestação nessa faixa etária pode acarretar problemas sociais e biológicos. Evidenciam-se alguns problemas comumente recorrentes na adolescência: são eles a gestação já citada, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), entre outras. Estas são passíveis de prevenção através da abordagem sobre educação sexual nas escolas e na comunidade (LOPES; ADRIANO, 2018). Para realizar esse levantamento, foi desenvolvido uma ficha de anamnese, que tem como finalidade colher todas as informações importantes sobre a gestante. A análise das fichas de anamnese das gestantes subsidiará o desenvolvimento de panfletos de prevenção primária sobre Métodos contraceptivos e ISTs, que serão desenvolvidos em língua portuguesa e também em língua indígena, para que se possa atingir a comunidade indígena de forma integral.

Palavras-chave: Gestação. Gestação na adolescência. ISTs na população indígena. Populações indígenas

[1] Membro de execução do projeto; UEPG; Medicina; mirianguimaraes17@gmail.com.

[2] Membro de execução do projeto; UEPG; Medicina; sarainacio2015@gmail.com.

[3] Coordenadora do projeto de extensão; DEEL/UEPG; leticiafraga@gmail.com

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: estudos e ações indígenas.

PÚBLICO-ALVO

Comunidade universitária, comunidade da Terra Indígena (T.I.) de Mangueirinha

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Ponta Grossa, Mangueirinha, Inácio Martins, Ortigueira e Chapecó (SC).

LOCAL DE EXECUÇÃO

Laboratório de Estudos do Texto.

JUSTIFICATIVA

O trabalho em questão é voltado ao levantamento da ocorrência de gravidez na adolescência dentro da comunidade indígena de Mangueirinha - PR, visto que tem sido um tema de grande relevância na atualidade, já que em boa parte da população tem um comportamento sexual de risco, o qual pode ter significativos efeitos futuros para as adolescentes ou à sociedade. A questão da gestação na adolescência em uma comunidade indígena requer investigação, conhecimento e análise desse conjunto como um todo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende o período da vida que vai dos 10 aos 19 anos de idade. A adolescência é marcada como uma fase da vida em que o indivíduo se desenvolve físicamente, emocionalmente, socialmente e por um processo de transformações biológicas. É a fase da vida marcada pela adoção de comportamentos de risco que são modelados pela influência de aspectos psicológicos próprios da idade, assim como comportamentos relacionados ao meio social onde estão inseridos. A junção dessas vulnerabilidades acaba por culminar em diversos problemas biológicos e sociais, como a gravidez precoce e o surgimento de Infecções sexualmente transmissíveis. (OLIVEIRA, SUELEN. CRUZ, 2011). Denomina-se gravidez na adolescência a gestação ocorrida em jovens de até 19 anos. Estudos mostram que a gravidez na adolescência ocorre com uma

frequência de 20 a 25% do total de gestações (SANTIAGO, 2017). A OMS considera a gestação na adolescência, como gestação de alto risco, por ser de manejo difícil, curso indeterminado e pelas várias complicações passíveis de ocorrência tanto para mãe quanto para o feto. Em alguns casos, a gravidez na adolescência é um desejo, mas na maioria das vezes, é uma surpresa inesperada, que pode gerar uma série de conflitos emocionais, instabilidade familiar, abandono escolar e afastamento do convívio social. No Brasil, as comunidades indígenas em geral têm outro ponto de vista sobre a gravidez na adolescência em relação ao restante da sociedade. Para a cultura indígena, a partir do momento que a menina menstrua já está pronta para constituir família. As comunidades indígenas valorizam famílias numerosas, o início da vida reprodutiva ocorre relativamente cedo em relação a outras populações, os intervalos entre os partos são curtos e há um maior número de mulheres envolvidas em relações conjugais (LOPES; ADRIANO, 2018). Como dito anteriormente, o início da vida sexual precoce sem muitas ou com poucas informações sobre saúde reprodutiva, métodos contraceptivos podem trazer riscos psicológicos, sociais e de saúde para os adolescentes, entre eles o risco de contrair Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). As ISTs são infecções que demonstram díficil controle nas diversas populações, o que as define como um grave problema de saúde pública, além de serem o principal facilitador da transmissão do HIV. Algumas dessas infecções podem evoluir para complicações graves e até a morte. Elas são transmitidas quase que exclusivamente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de preservativo masculino ou feminino, com uma pessoa que esteja contaminada com alguma IST. Dentre as principais ISTs notificadas estão a Sífilis, vulvovaginites, gonorreia, tricomoníase, herpes genital, infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), hepatites vírais B e C. Todas apresentam riscos de complicações se não tratadas adequadamente ou diagnosticada tardiamente. (FERRI; MARIA, 2011). As ISTs podem se manifestar por meio de feridas, corrimentos e verrugas anogenitais, entre outros, como dor pélvica, ardência ao urinar e lesões de pele, surgem principalmente, no órgão genital, mas podem surgir também em outras partes do corpo. Algumas ISTs podem não apresentar sinais e sintomas, por isso é importante o uso de preservativo em todas as relações sexuais e realizar exames laboratoriais para verificar se houve contato com alguma pessoa que tenha IST. Além do preservativo, que evita, principalmente, as ISTs e eventualmente a gravidez, existem outros diversos métodos

contraceptivos (BRASIL, 2020). Alguns exemplos são os anticoncepcionais hormonais orais (ACHO); injeção mensal/trimestral; dispositivo intrauterino (DIU); pílula anticoncepcional de emergência; diafragma e anéis medidores. Cada um desses métodos tem os seus riscos e beneficios em diferentes porcentagens entre si, que devem ser analisados pelo médico individualmente, e também avaliar a recomendação para cada faixa etária (LUZ, AMANDA. BRANCO, 2021) .

OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho é levantar a prevalência de gestação entre adolescentes índigenas, na T.I. de Mangueirinha e também levantar a prevalência de Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Este levantamento subsidiará a elaboração de cartilhas de prevenção primária sobre Métodos contraceptivos e ISTs, que serão desenvolvidas em língua portuguesa e também em língua kaingang.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa quantitativa, analisando a ocorrência da gravidez na adolescência e Infecções sexualmente transmissíveis entre esse grupo estudado, dentro da comunidade indígena de Mangueirinha – PR. As informações para realizar a pesquisa foram colhidas através de uma ficha de anamnese[4]. Foram selecionadas para participarem da pesquisa nove adolescentes gestantes, com idades entre 14 e 19 anos. Inicialmente, foi realizada uma conversa explicando o objetivo e expectativas do projeto e por fim autorizada a anamnese pelos pais, visto que a maioria das adolescentes eram menores de idade. As entrevistas foram realizadas semanalmente e individualmente. A partir disso,

[4] As participantes responderam a questionamentos quanto a nome, idade, etnia, naturalidade, profissão, estado cívil, escolaridade, se possui alguma doença, antecedentes ginecológicos (data da primeira menstruação, se tem ou já contraiu alguma infecção sexualmente transmissível e qual o nível de conhecimento sobre o assunto), sexualidade (início da atividade sexual, uso de métodos contraceptivos, quais métodos tem conhecimento), antecedentes obstétricos (número de gestações, número de partos, número de abortamentos, idade da primeira gestação, gestação planejada, intervalo entre as gestações, complicações durante a gestação, quantos meses iniciou o pré-natal, comparecimento nas consultas), condições e hábitos de vida (alimentação, uso de bebida alcóolica/cigarro, aceitação da gravidez pela adolescente, parceiro e família). Também foi questionado se as adolescentes já tinham escutado falar sobre educação sexual na escola ou mesmo se os pais ja haviam abordado o assunto dentro de casa.

espera-se identificar os pontos de maior deficiência de informação e conhecimento por parte dos adolescentes, referente aos métodos contraceptivos e as Infecções sexualmente transmissíveis, para que sejam elaborados os materiais educativos abordando esses temas.

RESULTADOS

Participaram do projeto de extensão nove adolescentes gestantes, com idades entre 14 e 19 anos no período da pesquisa. Após a análise das fichas de anamnese, foi dividido os resultados em quantas adolescentes planejaram ou não a gestação, quais métodos contraceptivos elas utilizavam e quais deles julgavam ser melhores e por fim, quais eram os seus conhecimentos sobre ISTs e se já haviam contraindo alguma infecção. Em relação ao planejamento da gestação apenas 1 adolescente afirmou ter planejado. A respeito dos métodos contraceptivos utilizados, 5 adolescentes afirmaram utilizar preservativo masculino, 2 utilizam pílula do dia seguinte (uso não frequente) e 2 afirmaram praticar o método de coito interrompido. Elas também responderam ao questionamento sobre qual método acham mais eficaz para evitar a gestação e o risco de contrair ISTs. 5 assinalaram que o melhor método é camisinha masculina; 2, uso de anticoncepcional hormonal oral; 2, pílula do dia seguinte. No que se refere ao conhecimento das adolescentes sobre as ISTs, todas as adolescentes relataram que em algum momento já ouviram falar que infecções podem ser transmitidas durante a relação sexual. O HIV, sífilis, HPV e gonorreia foram as infecções mais citadas. Quando perguntado se elas correm risco de contrair alguma IST, 4 das adolescentes afirmaram que é possível, mas não souberam informar se já contrairam alguma infecção. Dentre essas, 4 por não utilizar preservativo, 2 porque o parceiro se relaciona com outras pessoas e 1 por manter relação sexual com outras pessoas. Sobre a educação sexual, 6 disseram que os pais já conversaram com elas sobre o assunto e que já leram sobre o assunto na internet e 3 que já ouviram em algum momento na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o levantamento da gravidez na adolescência, na comunidade Indígena de Mangueirinha – PR, observou-se que todas as adolescentes não planejaram as suas gestações, por acreditarem que não iriam engravidar e com isso não utilizaram preservativo ou outro

método contraceptivo. Em relação ao levantamento sobre Infecções sexualmente transmissíveis, verificou-se que as nove adolescentes já ouviram falar sobre o assunto, mas caso fossem infectadas não saberiam identificar sinais e sintomas, ressaltando que nem todas as ISTs apresentam sinais e sintomas. Com isso, não foi possível fazer um levantamento sobre a prevalência de ISTs entre as adolescentes participantes do estudo. As adolescentes são as mais afetadas e a sua vulnerabilidade pode estar associada a vários fatores, entre eles, a deficiência da pauta sobre Educação Sexual em casa, nas escolas e por parte dos profissionais de Saúde que atendem a comunidade. Os riscos que acompanham uma gestação na adolescência são uma grande preocupação e a sua prevenção é de grande importância, evitando assim patologias antes, durante e após o parto. As mulheres indígenas são as que mais sofrem o impacto da desinformação e das mudanças socioculturais que afetam o grupo. Se evidenciados todos esses fatores e os diferenciais de vulnerabilidade dessa população, é possível levar uma maior conscientização para a nossa geração e a próxima e, com isso, combater as desinformações sobre a sexualidade, através de palestras, vídeos educativos e cartilhas sobre prevenção primária.

APOIO: Agradecemos à Fundação Araucária a concessão de bolsas de extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

FERRI, K.; MARIA, A. Doenças sexualmente transmissíveis e aids entre indígenas do Distrito Sanitário Especial Indígena do Mato Grosso do Sul de 2001 a 2005. **Saúde Coletiva**, v. 8, n. 47, p. 7–12, 2011.

LOPES, M. I.; ADRIANO, C. Z. Gestação : conhecendo a realidade das aldeias indígenas no Brasil. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 23, p. 48–52, 2018.

LUZ, AMANDA. BRANCO, A. Métodos contraceptivos: Principais riscos e efeitos adversos. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, p. 1–17, 2021.

OLIVEIRA, Suellen Regina Fagundes de. **A gravidez na adolescência indígena: Os efeitos econômicos e sociais do comportamento sexual de risco das índias adolescentes gestantes**

do minicípio de Baía da Traição/PB. 2011. 32 f. TCC (Especialização em Gestão Pública Municipal) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

SANTIAGO, A. **Plano de intervenção para prevenção da gravidez na adolescência entre os 11 E 15 anos no PBSI Formoso do Araguaia**. 2017. 26 f. TCC (Especialização em Saúde Indígena) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.